

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS UTILIZADOS EM CURSOS DE LICENCIATURA

LINGUISTIC VARIATION IN ENGLISH TEXTBOOKS USED IN UNDERGRADUATE TEACHING COURSES

Marcelo de Oliveira Bahia¹
mobahia1970@yahoo.com.br

Demerbete Dias Freitas Cruz²
bia-fcruz@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho procurou explorar como a questão da variação linguística é tratada nos livros didáticos utilizados em cursos de licenciatura em Inglês. Para tal, dois livros (*World English 3* e *English ID 1B*) foram analisados. Realizou-se o registro de variação linguística em várias de suas seções e verificou-se como tal registro era trabalhado (ou não) pelo respectivo livro. Os resultados mostraram que o livro *World English 3* apresenta um material muito rico para a exploração da variação linguística (principalmente no que diz respeito à variação diatópica), no entanto não há propostas no sentido de que se realizem reflexões por parte do aluno a respeito de tal variação. Já o livro *English ID 1B* é um livro mais voltado para jovens (com muitos exemplos de variação diafásica) e para quem se interessa pelo inglês americano. Também não existem discussões e/ou atividades a respeito de variação linguística na obra. De forma geral, os dois livros falham em não trabalhar de forma reflexiva os vários aspectos da pluralidade linguística observada na Língua Inglesa. A grande preocupação, neste contexto, é que se corre o risco de formar professores incapazes de trabalhar em situações fora do *Standard English*.

Palavras-chave: Variação. Sociolinguística. Livro didático. Ensino de inglês.

Abstract: This study aimed to explore how the issue of linguistic variation is treated in textbooks used in undergraduate English teaching courses. For this purpose, two textbooks (*World English 3* and *English ID 1B*) were analyzed. A linguistic variation record was carried out in both textbooks, in addition to an analysis of how such variation is (or is not) explored. The results showed that the textbook *World English 3* shows a very rich material for the exploration of linguistic variation (especially with regard to diatopical variation); however, there are no proposals that lead the students to a reflection on such variation. The textbook *English ID 1B* is a friendlier book for young people (it contains many examples of diaphasic variation) and for those interested in American English. It also does not contain discussions and/or activities regarding linguistic variation. Overall, the two textbooks fail in not working in a reflective way the various aspects of linguistic plurality observed in English. A major concern in such context is that one may run the risk of training teachers that will be unable to work in situations that are out of the *Standard English* scope.

Keywords: Variation. Sociolinguistics. Textbook. English language teaching.

1 Introdução

As línguas variam e isto é um fato cientificamente avaliado e comprovado. A variação linguística ocorre em todas as línguas e precisa ser reconhecida pelos estudantes de línguas

¹ Graduando em Letras pela Universidade Anhanguera/Uniderp, Polo Belém, Pará.

² Graduanda em Letras pela Universidade Anhanguera/Uniderp, Polo Belém, Pará.

estrangeiras, para que estes tenham a capacidade de reconhecer as variedades e registros linguísticos de falantes nativos. Tal competência é importante, pois permite ao usuário da língua empregá-la adequadamente nas diversas situações de comunicação. Assim, é necessário que os estudantes de inglês entendam que a língua que estudam não é estanque e monolítica. Ela é dinâmica, e esse dinamismo precisa ser estudado e respeitado.

Os livros didáticos são a principal fonte de *input* para os aprendizes, e um bom professor, muitas vezes, serve como modelo para o estudante. Assim, um livro didático que explora a variação linguística, aliado a um professor bem preparado, certamente trará benefícios para os aprendentes, que entenderão o caráter multifacetado do inglês e terão maiores chances de melhor desempenho em situações que exijam o uso variado da língua. Por outro lado, livros que insistam em destacar apenas a função prática do livro didático (orientação do trabalho docente), focados em uma gramática normativa e que mostrem representações sociais e culturais sem, no entanto, associar tais representações aos aspectos linguísticos, certamente continuarão a difundir ideias conservadoras e não representativas do dinamismo do inglês. Esse fato se agravará mais ainda, caso o docente não se preocupe em trabalhar aspectos extralivro.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar como livros didáticos de ensino de língua inglesa, utilizados no ensino superior, tratam a questão da variação linguística. Dentro deste contexto geral, pretende-se, de forma específica: analisar como a variação linguística é explorada nos vários segmentos dos livros didáticos por meio de exercícios, textos, atividades de leitura, vocabulário, questões gramaticais e vídeos, a fim de verificar quais os impactos da presença (ou da ausência) da abordagem da variação linguística nos referidos livros no processo de aprendizagem de futuros professores de inglês.

2 Livro didático de línguas estrangeiras: características e papel no ensino-aprendizagem

O livro didático é um recurso que se encontra em quase todas as situações que envolvem o ensino-aprendizagem de inglês (JOHNS, 1997) e de outras línguas estrangeiras. Segundo Kramsch (1988), os livros didáticos de línguas apresentam quatro características importantes: (1) seguem um determinado modelo de teoria de linguagem, ou seja, são orientados por princípios básicos de conhecimento; (2) apresentam um método, no sentido em que dividem e classificam o conhecimento; (3) têm caráter autoritário: o que o livro aborda é sempre verdadeiro; (4) são literais: não há interpretações alternativas – eles devem ser seguidos de forma literal.

No que diz respeito a sua utilização, vários autores têm demonstrado as inúmeras vantagens dessa ferramenta em sala de aula, particularmente no que concerne ao ensino de inglês. Cunningsworth (1995) afirma que os livros didáticos são úteis para uma aprendizagem direcionada, sendo fonte de ideias e atividades para o estudante, além de darem suporte para professores iniciantes que precisam ganhar confiança no ensino de uma língua estrangeira. Para Haycraft (1998), os livros didáticos são psicologicamente essenciais para os estudantes, uma vez que estes podem avaliar, de forma concreta, seu progresso. Isso se deve ao fato de que tais livros costumam dividir e classificar os itens que o compõem, como citado anteriormente. Richards (2001) vai mais longe e admite que, sem o uso de um livro didático, um programa de ensino de língua estrangeira pode ficar sem impacto. Tal autor ainda argumenta que o uso do livro permite uma melhor avaliação de estudantes de turmas diferentes, já que tais alunos receberiam o mesmo conteúdo.

Apesar da existência de inúmeras vezes apontando os aspectos positivos da aprendizagem de línguas por meio de livros didáticos, alguns autores mostram restrições importantes no uso dessa ferramenta. Uma delas é o caráter autoritário do livro didático. Segundo Allwright (1981), os livros didáticos são muito inflexíveis e costumam refletir as preferências pedagógicas, psicológicas e linguísticas de seus autores, bem como os vieses dessas primazias. O grande problema, nesse sentido, é que o livro didático pode transmitir aos estudantes uma visão distorcida da realidade (HYLAND, 2000). Para que isso não ocorra, Hyland (2000) afirma que o conhecimento não deve estar focado na verdade absoluta, de modo a tornar o saber socializável e discutível e, conseqüentemente, menos autoritário. Assim, a perspectiva de ensino passa a ser interacional, fugindo do cânone de simples transferência de conhecimento de um ente mais competente para um menos competente.

Outra limitação diz respeito ao fato de que os livros didáticos costumam ser muito artificiais em sua apresentação da língua-alvo, sendo assim incapazes de introduzir o estudante em situações da vida real, seja no discurso oral ou escrito. A opção por usar diálogos e modelos linguísticos não naturais acaba por fazer com que os estudantes não fiquem bem preparados para lidar com uma série de elementos linguísticos (pronúncia, estruturas linguísticas, gramática, vocabulário, estratégias etc.) que serão indispensáveis em situações do mundo real. (BRAZIL; COULTHARD; JOHNS, 1980; CATHCART, 1989).

Ainda que muitos achem que o livro didático seja muito inflexível e tendencioso como material instrucional, ou, ao contrário, entendam que seja uma ferramenta que realmente auxilia alunos e estudantes no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, não se pode negar sua extrema popularidade e o fato de que é praticamente essencial nas salas

de aula (TOK, 2010). Apesar da polêmica, acreditamos que o livro didático, quando de qualidade e bem utilizado, pode trazer sim benefícios para o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que sistematiza o processo e direciona o aluno em seu aprendizado, como já citado anteriormente.

3 Variação linguística do inglês em livros didáticos

A Sociolinguística é a área da Linguística que se ocupa do estudo da língua em seu uso real. Tal área do conhecimento firmou-se nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como precursor o linguista William Labov, e é comumente referida como “Sociolinguística Variacionista” ou “Teoria da Variação” (LABOV, 1972). Para a Sociolinguística, não se pode conceber o estudo da língua desvinculado da comunidade que a utiliza, ou seja, a língua não pode ser estudada como se fosse uma estrutura autônoma, que não tem relação com o contexto situacional, com a cultura e com a história das populações que a utilizam como meio de comunicação. (CEZARIO; VOTRE, 2013).

Para a Sociolinguística, variação e mudança são inerentes às línguas; portanto, devem sempre ser levadas em consideração na análise linguística. O sociolinguista preocupa-se com os fatores que motivam a variação e estuda fenômenos linguísticos no intuito de saber se estão em seu início, em progresso ou se já realizaram um percurso completo, caracterizando não mais variação, mas sim mudança linguística. A variação linguística, neste contexto, não é considerada como um fenômeno do acaso, mas como um fenômeno cultural, desencadeado por fatores que podem ser linguísticos e extralinguísticos. Pode-se, inclusive, afirmar que a variação não é assistemática, uma vez que ilustra um processo adaptativo da língua como código de comunicação. (CEZARIO; VOTRE, 2013).

De forma geral, são quatro os tipos de variação existentes: a *variação diacrônica*, que é a mudança que uma língua sofre à medida que o tempo passa; a *variação diatópica*, que está relacionada a diferenças observadas devido a fatores geográficos; a *variação diastrática*, que resulta de estratificação social, como idade, sexo, classe social, entre outros; e a *variação diafásica* ou *estilística*, que diz respeito à adequação a um determinado contexto ou registro. As variações *diatópica*, *diastrática* e *diafásica* encontram-se no plano sincrônico dos estudos da linguagem. (ALKIMIN, 2001; ILARI; BASSO, 2013).

Na língua inglesa, a variação diacrônica ocorre de diversas formas. Segundo Silva e Smith (2012),

[...] algumas palavras mudam totalmente o significado e a sua estrutura morfológica permanece inalterável, como por exemplo: a palavra “*Awful*” há mais ou menos 300 anos representava um adjetivo com o significado de “*Awe plus full*”, ou seja, qualificava algo ou alguém por ser “temível” “reverente” “cheio de temor”. Historicamente a palavra “*awefull*” sofreu um processo de modificação morfológica chamada de aglutinação, ou seja, houve perda de fonema na estrutura linguística da palavra na forma original. Após um incêndio num prédio em Londres, a palavra “*Awful*”, já modificada, recebeu um novo significado, o de “terrível” como hoje a usamos semanticamente.

A variação diatópica também é marcante na língua inglesa. O fato de ela ser considerada a língua *franca* da atualidade contribui muito para este fenômeno linguístico. No caso do inglês, temos duas grandes variedades: o Norte-americano (que ainda é subdividido nas variedades estadunidense e canadense); e o Britânico (que se divide nas variedades escocesa, irlandesa, galesa e inglesa [da Inglaterra]). Além dessas, há outras inúmeras variedades de inglês pelo mundo. Um curioso caso de diatopia é descrito por Silva e Smith (2012, s.p.):

Se você for à Irlanda, você perceberá que existem outras grandes diferenças das formas tradicionais de se falar inglês. Por exemplo, estamos acostumados a relatar uma ação que aconteceu no passado e, entretanto, essa ação ainda permanece em vigência e em uso no presente. Chamamos essa ação verbal de *Present Perfect*. Na Irlanda, a forma tradicional do *Present Perfect* se opõe à tradicional, não há o uso do “*have (auxiliar) + verbo principal (no participio passado)*”, lá, eles conjugam dessa forma: “I’m after finding an Euro on the road” em vez de “I’ve found an Euro on the road”, como em todos os países de inglês tradicional. Essa diatopia não sofre nenhuma diacronia de sentido, pois mesmo morfológicamente diferente, a semântica da ação verbal é a mesma como a da forma tradicional de se escrever.

Em outras palavras, a forma de se construir o *Present Perfect* na Irlanda difere da forma padrão utilizada em outros países anglófonos, sem que haja, no entanto, problemas de comunicação, uma vez que o sentido do enunciado não se altera.

A variação diastrática pode ser verificada quando se observa o inglês falado por ricos *versus* o inglês falado por pobres; o inglês falado por médicos *versus* o inglês falado por advogados; o inglês falado por pessoas cultas *versus* o inglês falado por pessoas que não obtiveram educação formal – apenas para citar alguns exemplos deste tipo de variação. Já a variação diafásica pode ser observada no inglês falado por pessoas em um almoço de negócios *versus* o inglês falado em um almoço entre amigos.

A intrincada realidade da variação presente na língua inglesa deveria ser apresentada nos livros didáticos utilizados em cursos de licenciatura em inglês, a fim de se evitar a formação de professores incapazes de reconhecer os diversos registros linguísticos utilizados pelos falantes nativos. No entanto, estudos que avaliem a variação linguística em livros didáticos são ainda bastante raros, tanto para o Inglês quanto para outras línguas estrangeiras, como espanhol e italiano.

Coan e Pontes (2013) estudaram o tratamento dado à variação modo-temporal em duas coleções de livros didáticos de Espanhol utilizados em escolas de Fortaleza/CE. Os autores verificaram que, na coleção *Hacia el español*, há um esforço no sentido de o aluno ter consciência da variação linguística nos níveis fonético-fonológico, lexical e morfossintático. Por outro lado, Sousa (2013), ao abordar a questão da variação linguística em um livro didático de Espanhol utilizado em uma escola pública de Boa Vista/RR, verificou que o tratamento dado a esse tema não ultrapassa o nível lexical. Em um extenso trabalho de pesquisa, Frangiotti (2014) estudou a questão da variação linguística em duas coleções de livros didáticos de italiano, a saber, as coleções *Linea Direta* e *Rete!*. A autora concluiu que nenhum dos dois livros fornece subsídios apropriados para que o estudante compreenda a complexidade do italiano contemporâneo.

No que diz respeito a estudos de variação em livros didáticos de inglês, a revisão bibliográfica realizada para o presente artigo identificou apenas uma dissertação de mestrado (RODRIGUES, 2005) e um artigo científico (FRANCESCON; SENEFONTE; BARONAS, 2013). No entanto, tais trabalhos restringiram suas análises a livros utilizados no Ensino Médio.

Não se encontraram, na pesquisa bibliográfica realizada para o presente artigo, trabalhos que discutissem a questão da variação linguística nos livros utilizados nos cursos de Licenciatura em Inglês. Uma vez que o livro didático se tornou um elemento-chave no ensino de línguas estrangeiras, servindo inclusive como base para o *input* linguístico e a prática da língua em sala de aula, lança-se o seguinte questionamento: os livros didáticos de ensino superior estão preocupando-se em trabalhar questões de variação linguística com o futuro professor de inglês?

4 Aspectos metodológicos

A presente pesquisa foi realizada na forma de descrição de cunho qualitativo. Cada seção dos livros didáticos foi cuidadosamente avaliada, registrando-se os elementos de variação linguística trabalhados e como isso foi realizado. Uma vez concluídos tais registros, realizou-se uma análise crítica dos resultados encontrados. Para isso, foram utilizados artigos e estudos disponíveis na literatura a respeito do assunto. Os dados foram confrontados com os da literatura vigente, que serviu de base para que se chegasse aos objetivos esperados. Para a escolha dos livros, levaram-se em consideração dois critérios: a) os livros deveriam ser utilizados em cursos de licenciatura em Língua Inglesa e b) deveriam ser atuais, uma vez que

o interesse do trabalho era o de explorar os processos de variação ocorrendo no presente. Os livros escolhidos foram o *World English 3*, utilizado no curso a distância de Licenciatura em Letras (Inglês-Português) da Universidade Anhanguera-UNIDERP, e o *English ID 1B*, utilizado no curso de Licenciatura em Inglês da Universidade Federal do Pará.

4.1 World English 3

O livro *World English 3* é o terceiro livro de uma coleção que consiste de três unidades (*World English 1*, *World English 2* e *World English 3*). O referido livro, editado pela *Heinle Cengage Learning* em parceria com a *National Geographic*, é dividido em 12 unidades. As unidades são temáticas e todas as atividades propostas apresentam relação com o tema (*People and places, the mind, changing planet* etc.). Cada unidade é subdividida nos seguintes tópicos:

- a) *A Goal 1* – Nesse tópico, é apresentado um vocabulário novo, acompanhado de gramática e de um diálogo para ser escutado.
- b) *B Goal 2* – Essa parte da unidade centra-se no treinamento auditivo (*listening*) com várias situações para o aluno apurar suas habilidades auditivas. Este tópico sempre mostra a forma como se pronunciam determinadas estruturas, tais como contrações com *have* (*I have never/I've never*) e *be* (*I am/I'm*).
- c) *C Goal 3* – Essa parte da unidade propõe que se expanda o tema em estudo (*language expansion*); assim, são introduzidas novas palavras, um novo tema de gramática e conversação (diálogo).
- d) *D Goal 4* – Nessa seção, focalizam-se as habilidades de leitura (*Reading*) e interpretação. Um texto é apresentado para ser lido, escutado e interpretado por meio de atividades variadas. Ao final dessa parte, a expressão escrita é trabalhada por meio de uma proposta de redação sempre ligada ao tema da unidade.
- e) *E Video Journal* – Todas as unidades culminam com a apresentação de um vídeo, em que são propostas atividades a serem desenvolvidas em três momentos diferentes: antes de se assistir ao vídeo, durante o momento em que se assiste ao vídeo e após se assistir ao vídeo.

O livro é acompanhado de um CD-ROM em que o aluno pode escutar toda a parte de áudio das unidades, além de poder assistir aos vídeos do *Video Journal*. Os vídeos ainda oferecem a possibilidade de serem assistidos com ou sem legendas. Para a análise da variação linguística, foram considerados os diálogos, os textos e os vídeos de cada unidade.

4.2 English ID 1B

A coleção *English ID*, da editora *Richmond*, consiste de uma coleção de quatro livros, cada um abrangendo um nível diferente (*starter*, *ID1*, *ID2* e *ID3*). Os livros *ID1*, *ID2* e *ID3* podem ser encontrados em versões divididas (A e B), que abrangem metade do conteúdo (apenas 5 das 10 unidades de cada livro), mas são comercializados em uma edição denominada *combo edition*. Essas versões dos livros apresentam a grande vantagem de possuírem, em uma única edição, o livro do estudante (*student's book*) e o livro de exercícios (*workbook*).

English ID 1B é a segunda parte do livro *English ID 1*. O referido livro trabalha as unidades de 6 a 10 (as unidades 1 a 5 são trabalhadas no livro *English ID 1A*). A divisão das unidades é pouco rígida, não obedecendo aos esquemas repetidos usualmente encontrados neste tipo de livro. No entanto, os próprios autores dividem as unidades da seguinte forma: *question syllabus*, *vocabulary*, *grammar* e *speaking & skills*.

Após as unidades, o livro apresenta as seguintes seções: *grammar*, *ID café* (seção de vídeos), *writing*, *sounds and usual spellings*, *audio script* e, por fim, o *workbook*. De forma geral, o livro é ricamente ilustrado e colorido, como se fosse uma revista, com forte apelo ao público jovem. Para a análise de variação linguística, foram avaliados apenas os textos e as transcrições dos diálogos das unidades, uma vez que não tivemos acesso ao CD do livro e, conseqüentemente, não foi possível avaliar os vídeos da seção *ID café*.

5 Panorama da variação linguística nos livros avaliados

O livro *World English 3*, editado pela *Heinle Cengage Learning* em parceria com a *National Geographic*, tem como subtítulo *Real People, Real Places, Real Languages*. A proposta é apresentar ao estudante o inglês falado por diferentes países e comunidades, em seus diferentes contextos e peculiaridades. Assim, o livro é permeado de diálogos, textos e vídeos que procuram demonstrar essa pluralidade linguística. No entanto, tal pluralidade, ainda que seja extensivamente demonstrada, não é contextualizada linguisticamente.

No que diz respeito à variação diatópica, existem vários exemplos de *Listening* nos quais se escutam diversas variedades regionais do inglês. Logo na unidade 1, ouvem-se falantes supostamente originários da Mongólia, do México, do Canadá e dos Estados Unidos dando depoimentos sobre os lugares em que vivem. A unidade 3 mostra falantes de Nova Orleans e da Índia discorrendo a respeito de problemas climáticos em suas respectivas

localidades. Na unidade 10, na seção *Language Expansion*, ouve-se uma interação entre um guia de turismo britânico e seu grupo composto por falantes norte-americanos. Todas essas falas são artificiais, produzidas para o livro. Os falantes apresentam sotaques respectivos a cada região, mas utilizam um inglês padrão (*Standard English*), e não há qualquer tipo de atividade ou notas que levem o aluno a refletir a respeito dessas variedades de inglês. Como inglês padrão (*Standard English*), entende-se a variedade de inglês que todo nativo aprende a ler e escrever, mas que a maioria não fala. (TRUDGILL; HANNAH, 2013).

A *Real Language* do subtítulo da obra é finalmente encontrada nos vídeos que concluem cada unidade. Os vídeos mostram situações reais de uso da língua inglesa nos mais variados contextos, países e situações. O vídeo da unidade 4 mostra a fala de turistas holandeses, marroquinos e ingleses em compras em Marrocos. O vídeo da unidade 7 mostra a fala típica de mensageiros nova-iorquinos, enquanto o vídeo da unidade 11 mostra o inglês falado por estudantes de uma escola para mordomos na Inglaterra. Mas o exemplo mais impactante de variação linguística encontra-se no vídeo da unidade 8, que mostra a linguagem de *cowgirls* em rodeios no interior do Texas. É praticamente impossível para um estudante habituado exclusivamente com o *Standard English* compreender as falas dos participantes do vídeo, sem que leia as legendas disponíveis no vídeo. Presume-se que esse rico material seria de enorme utilidade para se discutir a variação linguística, principalmente a diatópica. No entanto, mais uma vez, não há qualquer esforço nesse sentido.

Todas as unidades do livro apresentam seções de conversação (*Conversation*). Todos os diálogos são artificiais e permeados de informalidade entre os participantes. Expressões como *what's up!* e *you're kidding!* são recorrentes. A propósito, o único momento em que o livro faz referência explícita a um fenômeno de variação linguística é quando ele informa, em um pequeno *box*, que *you're kidding!* é uma expressão informal (o que caracterizaria variação diafásica) para alguém se mostrar surpreso ou por não acreditar no que o interlocutor diz.

Todos os textos do livro (da seção *Reading*), apesar de abordarem os mais diferentes temas, são escritos em *Standard English*, e não se detectou nenhum exemplo de variação diacrônica em toda a obra. O panorama geral que se observa após a análise do livro *World English 3* é que este apresenta um material riquíssimo para a exploração da variação linguística, inclusive o livro parece querer justamente mostrar ao aluno que essa variação existe, no entanto não há propostas no sentido de que se realizem reflexões por parte do aluno a respeito dessa pluralidade linguística. Tal aspecto não é discutido, não é analisado nem trabalhado pelo livro. A noção de que a língua inglesa não é homogênea está lá, mas o que fazer com essa informação?

O livro *English ID 1B* é um livro bastante diferente do *World English 3*. Sua proposta é direcionada para um público adulto, mas jovem. Ele é ricamente ilustrado e dinâmico, menos “engessado” do que o *World English 3*. No entanto, é bastante voltado para o inglês americano, fornecendo pouquíssimas informações a respeito da pluralidade linguística da língua inglesa. No que diz respeito à variação diatópica, existe um único exemplo no quadro *World of English*, em que os autores mostram diferenças entre a pronúncia das letras T e R no inglês americano e no inglês britânico. Em outro trecho do livro, existem depoimentos de pessoas de vários países (Nova Zelândia, Inglaterra, Estados Unidos, Austrália etc.) a respeito da chegada do novo milênio nesses países. Tal trecho seria uma boa oportunidade para se discutirem aspectos diatópicos do inglês. No entanto todos os textos são escritos em *Standard English*, o que impede tal discussão.

A informalidade e o apelo aos jovens são o grande mote do livro. Expressões como *phew! man! gee! no way!* são recorrentes ao longo de toda a leitura. Além disso, o livro dá forte ênfase à linguagem de Internet (*Cyber English*). Assim, existem inúmeros exemplos de e-mails, textos de blogs, diálogos por meio de aplicativos de mensagens (*texting*), acrônimos, entre outros. Descrevê-los aqui seria exaustivo, no entanto deve-se ressaltar que todos esses exemplos são carregados da informalidade típica do *Cyber English*. Apesar de tal informalidade poder ser considerada um exemplo de variação diafásica, pode-se afirmar que a variação diastrática está também presente nesse tipo de inglês, uma vez que reflete, geralmente, a linguagem de jovens. Da mesma forma como no livro *World English 3*, não se detectou nenhum exemplo de variação diacrônica ao longo da obra.

De modo geral, o livro *English ID 1B* é voltado para aprendentes interessados no inglês americano e em um pouco de suas variedades regionais. Não é sua proposta ir além disso. Portanto, discussões, atividades e reflexões a respeito de variação linguística estão fora do escopo da obra. Pode-se até afirmar que o livro *World English 3*, apesar de não se ater às questões de variação linguística de forma reflexiva, deixa bem explícito que tal variação existe, ao passo que o livro *English ID 1B* deixa uma impressão mais monolítica da língua.

Os resultados encontrados na presente pesquisa são bastante semelhantes aos encontrados por Rodrigues (2005). Esse autor, ao analisar dois livros de ensino de inglês para ensino médio, observou que estes, apesar de se proporem a realizar um trabalho com diferentes vertentes da língua inglesa, acabam restringindo-se às formas britânica e americana. E, ainda assim, o tratamento reflexivo dado aos aspectos de variação é escasso. O mesmo aspecto foi verificado para os livros do professor, análise que não foi realizada nos livros escolhidos para o presente trabalho.

Francescon, Senefonte e Baronas (2013) também realizaram um estudo de análise da variação linguística em dois livros utilizados em escolas públicas do Paraná. Os autores igualmente estudaram o tratamento da variação linguística nos Documentos Oficiais de regulamentação do ensino de línguas estrangeiras. Foi observado que, apesar de os Documentos Oficiais preconizarem o estudo reflexivo da variação, mais uma vez os livros didáticos analisados não contemplavam adequadamente essa questão, da mesma forma como o observado no estudo de Rodrigues (2005) e também no presente estudo. Os autores ressaltam a necessidade da realização de mais estudos nesta linha de análise, para que se tenha um panorama mais abrangente da questão da variação linguística nas escolas públicas.

Segundo Rodrigues (2005, s.p.),

[...] o livro didático deve apresentar as diversas variedades da língua, quanto a seu contexto geográfico, social e situacional, além de levar o aluno a refletir sobre estas variedades e aplicá-las nos diversos contextos. O livro do professor deve apresentar orientações sobre como abordar as variedades de uma língua, seja em sala de aula, seja fora dela.

Nota-se, entretanto, na prática, que isso não vem ocorrendo. Uma das consequências disso é que os alunos que não sejam expostos às variedades linguísticas de modo reflexivo terão muita dificuldade ao ter de utilizar seu inglês em contextos diferentes dos utilizados no *Standard English* ou, ainda, distintos do inglês americano. Além do mais, tais estudantes correm o risco de formar a opinião equivocada de que apenas uma determinada variedade da língua estudada é “correta”.

A questão da hegemonia do *Standard English* e do inglês americano, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, não é exclusividade do Brasil. Suzuki (2010) demonstrou que professores japoneses de inglês, apesar de reconhecerem a importância de trabalhar com outras variedades da língua, eram hesitantes em incluir tais variedades em sua prática pedagógica, uma vez que entendiam que o padrão americano, e até mesmo o britânico, eram as formas “corretas” a serem ensinadas em sala de aula. A crença desses professores era a de que apenas essas variedades dariam condições de comunicação internacional aos seus alunos.

Outro ponto a ser considerado é que Rodrigues (2005) e Francescon, Senefonte e Baronas (2013) realizaram seus estudos em livros brasileiros voltados ao ensino de inglês para escolas públicas de Ensino Básico. Não existem, na literatura, trabalhos que analisem os livros utilizados na formação de futuros professores de inglês. A questão é complexa, uma vez que se depreende deste quadro que a variação linguística do inglês não é abordada adequadamente nem no Ensino Básico, nem no Ensino Superior. Ainda que seus conceitos

sejam estudados e trabalhados em disciplinas como Linguística Geral, a variação linguística é negligenciada nos currículos de licenciatura, justamente no que diz respeito ao livro didático, elemento-chave do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Pode-se alegar que os livros analisados no presente trabalho são de editoras internacionais e que não foram destinados para uso em cursos de licenciatura em língua inglesa. Portanto, tais livros não deveriam obrigatoriamente incluir um tratamento adequado do processo de variação linguística. De fato, os livros analisados parecem ser mais direcionados para o ensino de inglês para fins não acadêmicos, ou seja, ensino de inglês para pessoas que não pretendem ser professores de línguas. Daí a necessidade de uma seleção criteriosa dos livros didáticos a serem utilizados por futuros professores de inglês. Nesse sentido, Rodrigues (2005, s.p.) recomenda

[...] que os professores, ao selecionar os materiais didáticos, levem em consideração o tratamento que estes materiais dão à variação linguística, mais especificamente, no tocante à apresentação de textos de diferentes dialetos e de diferentes registros, na exploração do vocabulário, na explanação gramatical. É interessante que os autores de livros didáticos, além de explorar os aspectos acima, apresentem, no livro do professor, propostas para trabalhar a variação linguística, bem como comentar as respostas dos exercícios propostos que explorem a diversidade linguística.

Por fim, para Bayley (2005), o entendimento do fenômeno da variação linguística contribui grandemente para a melhoria do ensino de inglês, pois permite melhor compreensão do fenômeno de transferência linguística, ou seja, como a língua materna do aprendente impacta sua performance; fornecimento de uma visão mais realística de como as línguas funcionam (nem tudo é apenas gramática tradicional!); esclarecimentos a respeito dos processos de aquisição de uma segunda língua (ela ocorre por meio de reestruturação recorrente ou por meio de um *continuum* multidimensional?); e compreensão do processo pelos quais os alunos se mobilizam (ou não) para além do estilo formal comumente presente nas salas de aula. Portanto, o tratamento adequado da variação linguística em livros didáticos utilizados em cursos de licenciatura em inglês é de grande importância para formar professores capacitados a trabalharem em variados contextos. No entanto, deve-se frisar que apenas um livro didático adequado não é garantia de sucesso para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Outros fatores, tais como idade, inteligência, aptidão, personalidade, estilos de aprendizagem e atitudes socioculturais também são apontadas por Richter (2000) como importantes para o sucesso do referido processo.

6 Considerações finais

Os livros analisados no presente trabalho, apesar de direcionarem esforços na tentativa de demonstrar que a língua inglesa é dinâmica e variada, falham em trabalhar de forma reflexiva os vários aspectos dessa pluralidade linguística. Isso pode ocorrer pelo fato de eles não terem sido originalmente concebidos para serem utilizados em cursos de licenciatura em Inglês. Tal limitação constitui um problema, uma vez que foi mostrado, no presente trabalho, que a variação linguística, apesar de estar presente nos livros, já não é explorada adequadamente desde o ensino médio e continua sendo negligenciada nos cursos de licenciatura. O resultado é a formação de professores incapazes de obter uma boa performance linguística em situações que estão fora do contexto do *Standard English*. Além disso, é possível que tais professores criem um conceito equivocado de que existe apenas um tipo de inglês, um inglês “correto”, “padrão”, que deve ser falado pelos alunos. Tal ideia, além de não refletir o dinamismo do inglês, ainda pode colaborar para difundir preconceitos de ordem linguística entre os aprendentes.

Não é suficiente que a variação linguística seja estudada em disciplinas como Linguística Geral. Ela precisa também estar presente e ser explorada a contento nas disciplinas de línguas e de didática, uma vez que é nesses contextos que o estudante de licenciatura trabalha de forma prática com o idioma. É no contexto dessas disciplinas que os livros didáticos funcionam como elemento-chave do processo de aprendizagem linguística em cursos de licenciatura. Assim, recomenda-se tanto uma seleção cuidadosa, quanto uma exploração adequada desses livros para seu uso nos cursos que formarão futuros professores de inglês.

Referências

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALLWRIGHT, Richard. What do we want teaching materials for? **ELT Journal**. v. 36, n. 1, p. 5- 18, 1981.
- BAYLEY, Robert. Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation. **Intercultural communication studies**. v. 14, n. 2, p. 1-15, 2005.
- BRAZIL, David; COULTHARD, Malcolm; JOHNS, Catherine. **Discourse intonation and language teaching**. London: Longman, 1980.

CATHCART, Ruth Larimer. Authentic discourse and the survival English curriculum. **TESOL Quarterly**. v. 23, n. 1, p. 105-126, 1989.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.

COAN, Marluve; PONTES, Valdecy de Oliveira. Variação modo-temporal em livros didáticos de língua espanhola e de língua portuguesa: uma análise comparativa. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.16, n. 2, p. 363-392, 2013. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/download/887/686>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

CUNNINGSWORTH, Alan. **Choosing your coursebook**. Oxford: Heinemann Publishers Ltd., 1995.

FRANCESCON, Paula Kracker; SENEFONTE, Fábio Henrique Rosa; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Variação linguística no ensino de língua inglesa. **Revista Entrelinhas**, v. 7, n. 2, p. 209-221, 2013.

FRANGIOTTI, Grazielle Altino. **As variedades linguísticas no ensino de línguas: análise de dois livros didáticos de italiano para estrangeiros**. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2014. 254 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua e Literatura Italiana), 2014.

HAYCRAFT, John. **An introduction to English language teaching**. London: Longman, 1998.

HYLAND, Ken. **Disciplinary discourses: social interactions in academic writing**. London: Pearson Education, 2000. p. 105-131.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente. A língua que estudamos, a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

JOHNS, Ann. **Text, role and context: developing academic literacies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KRAMSCH, Claire. The cultural discourse of foreign language textbooks. In: SINGERMAN, A. (Ed.). **Toward a new integration of language and culture**. Middlebury, VT: Northeast Conference on the Teaching of Foreign Languages, 1988. p. 63-88.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

RICHARDS, Jack. **The role of textbooks in a language program**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

RICHTER, Marcos Gustavo. **Ensino de português e interatividade**. Santa Maria: UFSM, 2000.

RODRIGUES, Daniel Sa. **O tratamento da variação linguística em livros didáticos de língua inglesa**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2005. 82 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada), 2005.

SILVA, Mikaylson Rocha; SMITH, Michael Harold. As muitas faces das palavras na língua inglesa: variação linguística diacrônica e diatópica. **Revista Linguagem**, São Carlos, ed. 18, 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/016.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

SOUSA, Francisco Raimundo. **O tratamento dado à variação linguística no material didático nas aulas de espanhol língua estrangeira (LE) no ensino médio**: a especificidade de uma escola pública em Boa Vista-RR. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2013. 136 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em Letras Neolatinas), 2013.

SUZUKI, Ayako. Introducing diversity of English into ELT: student teachers' responses. **ELT Journal**. v. 65, n. 2, p. 145-153, 2010.

TOK, Hidayet. TEFL textbook evaluation: From teachers' perspectives. **Educational research and review**. v. 5, n. 9, p. 508-517, 2010.

TRUDGILL, Peter; HANNAH, Jean. **International English: a guide to the varieties of standard English**, 5. ed. Routledge, 2013.